

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

MARIANA GREGÓRIO GONZALEZ

DE MENINA, DE MENINO OU DE CRIANÇA?

Estudo sobre as Relações de Gênero e Brinquedos na Pequena Infância

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

MARIANA GREGÓRIO GONZALEZ

DE MENINA, DE MENINO OU DE CRIANÇA?

Estudo sobre as Relações de Gênero e Brinquedos na Pequena Infância

**Trabalho de projeto de pesquisa (de curso como
exigência parcial) para graduação no curso
de Psicologia, sob orientação da Prof.
Dra. Maria Thereza de Alencar Lima**

SÃO PAULO

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho a quem me inspirou a realizá-lo, meu sobrinho Arthur, que com tão pouca idade, tanta maturidade e um jeito todo especial, já tem muito a ensinar aos adultos; e a minha sobrinha Maria Fernanda, por tornar a vida mais leve em momentos como o da construção deste trabalho. Que possamos criar um mundo melhor para crianças incríveis como vocês.

Aos meus pais, Eliane e Rafael, que mesmo com tantos motivos ao longo da vida, nunca desistiram, sempre acreditaram em mim, e não negaram esforços para que eu chegasse até aqui. Esta conquista é nossa.

A minha irmã, Débora, por toda a compreensão pelos momentos de ausência e por estar ao meu lado na crença por uma educação melhor às nossas crianças.

Ao meu namorado, Nícollas, pelo estímulo quando mais precisei. Pelo apoio, escuta e silêncio. Por enxugar as lágrimas, me ajudar a esvaziar a cabeça e me fazer acreditar que tudo ia dar certo. Que bom podermos sonhar juntos.

A minha amiga Camila, que tantas vezes acreditou e acredita em mim mais do que eu mesma, e que acompanha minhas dificuldades e conquistas como se fossem dela.

À Mari e à Ana, que ao longo desses anos, de tantos desafios, derrotas e vitórias, se fizeram amigas tão presentes e me fizeram uma Mariana melhor, com um pouquinho de cada uma dentro de mim.

À Teca, por todo empenho, animação, dedicação, carinho e comprometimento comigo e com este trabalho. Foi uma honra ter uma orientadora como você, obrigada.

Ao professor Plínio, que com carinho aceitou dar o parecer sobre este trabalho. O seu conhecimento também foi uma inspiração.

A todos familiares, amigos, pais e mães que participaram deste trabalho, e a todos que de alguma forma contribuíram com ele. Obrigada

RESUMO

Este estudo procurou descrever e analisar os motivos pelos quais os adultos escolhem determinados tipos de brinquedos para as crianças pequenas, de até 6 anos de idade. Para tal objetivo, foi aplicado um questionário online destinado a pais e mães de crianças até esta faixa etária, com perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas foram processadas descritivamente e transformadas em gráficos, levantando o perfil dos respondentes. As perguntas abertas foram analisadas em seu conteúdo de modo a permitir a construção de categorias de análise. Os resultados mostraram que os pais desta amostra possuem bastante clareza acerca da importância do brincar para o desenvolvimento infantil, entretanto, não estão isentos de estereótipos de gênero relacionados ao brinquedo, estereótipos estes que são culturalmente estabelecidos. A partir da literatura levantada neste estudo, dos resultados obtidos através do questionário online, da análise e discussão sobre estes resultados, foi considerado de grande importância que haja uma desconstrução da ideia de que há brinquedos estritamente de meninos ou de meninas, para que, num futuro, as crianças possam ter a liberdade de escolher seus brinquedos pautadas apenas em seus gostos pessoais, livres de rótulos e preconceitos estabelecidos pela nossa sociedade.

Palavras-chave: infância, brinquedo, estereótipos, gênero, psicologia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. O Brinquedo e o Comportamento de Brincar	8
3. MÉTODO	13
4. RESULTADOS E ANÁLISE	15
4.1 SOBRE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS	19
4.2 SOBRE BRINCAR COM BRINQUEDOS CONSIDERADOS DO SEXO OPOSTO	20
5. DISCUSSÃO	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	34
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	39
ANEXO B - QUESTIONÁRIO ONLINE	35
ANEXO C – RESPOSTAS DA PERGUNTA “VOCÊ DEIXARIA SEU FILHO (A) BRINCAR COM BRINQUEDOS CONSIDERADOS DO SEXO OPOSTO? POR QUÊ?”	39

1. INTRODUÇÃO

Desde a descoberta da gravidez, a família já costuma criar expectativas em relação ao futuro filho ou filha. A escolha das cores do enxoval, por vezes predominando o azul ou rosa, mostra como desde antes de nascer a criança já é inserida em um ambiente com papéis de gênero culturalmente estabelecidos (Guerra, 2007). Reis e Maia (2009) afirmam que após o nascimento, as expectativas dos pais vão crescendo e a educação que dão às crianças, desde pequenas, já é baseada em diferenças e desigualdades. Justamente pelos pais estarem inseridos em uma cultura repleta de estereótipos de gênero, as autoras afirmam também que estes pais carregam valores estereotipados, que passam através da educação aos seus filhos, ensinando comportamentos culturalmente apropriados para seu sexo biológico.

DuruBellat e Jarousse (1996) *apud* Jacquet (2009) avaliaram que a educação de pais e mães é diferente dependendo do sexo do filho ou filha. Jacquet (2009) diz que essa diferenciação aparece no âmbito da educação dos filhos, onde os meninos são mais estimulados a terem uma formação técnica ou científica e meninas estimuladas a uma formação geral, e no âmbito de projetos pessoais, onde meninos são estimulados a focarem em suas carreiras e sucesso, e meninas são estimuladas a dedicar sua vida ao cuidado da casa e família, entre outros.

Sexo e gênero são características que estão presentes em todo ser humano, entretanto, diferentemente do sexo biológico, o gênero é uma categoria social. Assim sendo, ainda que a sociedade tente impor que uma pessoa é homem ou mulher somente pelo seu órgão sexual, ser homem ou mulher, e tudo o que entendemos como “de menino” e “de menina”, “de homem” ou “de mulher”, é estritamente uma questão social (Jesus, 2012). Segundo Finco (2003), para que se entenda o conceito de gênero, é necessário que entendamos como são produzidas pelas culturas as diferenças entre homens e mulheres, assim como os significados destas diferenças. Um exemplo de estereótipo imposto pela cultura é o de que um homem para ser homem de verdade deve ser agressivo, ter vontade de poder e domínio, já a mulher deve ser delicada, subordinada e submissa (Albuquerque Jr, 2010). Segundo (Miralles 2012), a ideologia de gênero, que vê o ser humano nas suas relações com a natureza e cultura, vem separando radicalmente sexo e gênero, reforçando a ideia de que tudo que entendemos como diferenças entre

homens e mulheres fazem parte de um processo social e cultural. Como estas diferenças são culturais, e como estamos inseridos numa cultura sexista, vemos muitas diferenças entre meninos e meninas, por exemplo, que as meninas têm maior liberdade que os meninos para expressarem características ditas do sexo oposto, entretanto, esta maior liberdade não é uma vantagem para as meninas. Graciano, Silva e Guarido (1977) realizaram um estudo em escolas particulares de São Paulo, e concluíram que enquanto as crianças vão crescendo (5 a 9 anos), as meninas vão se considerando mais fracas e menos ativas do que os meninos. Enquanto as crianças de até cinco anos não percebem estas diferenças entre meninas e meninos, quando elas chegam aos nove anos, foi verificado que, enquanto a maioria dos meninos se sentia forte, a maioria das meninas se sentia fraca. Graciano (1978) afirma também que na socialização das crianças, meninos são mais punidos do que meninas quando esboçam alguma característica dita como apropriada para o sexo oposto. A autora nos mostra que meninas têm maior liberdade para escolher roupas com cores ou estilos ditos masculinos, podem brincar com brinquedos e brincadeiras ditas de meninos, entre outros. Já os meninos são fortemente proibidos de expressar qualquer característica considerada feminina.

A orientação sexual é caracterizada apenas pela “atração afetivo-sexual por alguém” (Jesus, 2012), e ainda que ela não esteja necessariamente relacionada ao gênero ou aos papéis de gênero, ainda hoje, muitos pais, mães e até mesmo educadores têm a ideia de que os brinquedos culturalmente considerados femininos e masculinos podem influenciar na futura orientação sexual da criança. Sendo assim, estes adultos procuram ensinar comportamentos sexuais tipificados para as crianças, ou seja, “comportamentos que são menos esperados e sancionados quando realizados por um sexo, e, contrariamente, são considerados mais apropriados quando manifestados pelo outro sexo” (Mischel *apud* Cunha, 2008, p. 11), além de limitarem o acesso aos brinquedos considerados inadequados para o sexo biológico da criança.

Lisboa, Silva e Rezende (2015) afirmam que desde crianças já estamos inseridos numa cultura binária de gênero, que divide e discrimina representações e atuações de homens e mulheres. As normas sociais desta cultura já impõem mesmo para as crianças, desde as cores que elas devem gostar, passando pelos brinquedos que devem brincar, sentimentos que podem demonstrar, como se

comportar, as roupas que devem usar e até mesmo as profissões que devem seguir. Nenhuma menina nasce gostando de boneca, ou um menino de carrinho, entretanto a sociedade nos impõe uma lógica onde há brinquedos estereotipados como “de menino” e “de menina”, porém estudos mostram como essa lógica é mais significativa para os adultos, já que crianças em um mesmo ambiente, apesar de demonstrarem preferência pelos brinquedos ditos apropriados para o sexo biológico, ao se juntarem com crianças do sexo oposto, que é quando têm a liberdade do brincar livre, brincam com naturalidade com todos os brinquedos (Paludeto, 2010). Finco (2003) realizou um estudo em uma instituição de educação infantil, onde percebe que há meninas com vontade de brincar com brinquedos ditos de menino, como jogar futebol, espada ou carrinho, e meninos com vontade de brincar com brinquedos ditos de menina, como casinha, boneca e salão de beleza. A autora faz observações onde registra brincadeiras coletivas, onde meninas e meninos se revezam em diversos papéis, e afirma que as crianças brincam com os brinquedos estereotipados espontaneamente, sem constrangimento ou discriminação dos colegas pelas escolhas. A pesquisadora aponta também a importância de um ambiente com uma grande variedade de brinquedos, variedade esta que estimula meninos e meninas a se entregarem às diversas brincadeiras sem discriminarem qualquer tipo de papel de gênero, e levanta a hipótese de que as crianças não reproduzem os papéis sexistas que os adultos emitem, justamente por ainda não terem estes papéis internalizados.

Este estudo teve, portanto, o objetivo de analisar e descrever os motivos pelos quais os adultos escolhem determinados tipos de brinquedos para as crianças pequenas (até 6 anos de idade), e o capítulo que segue versará sobre o brinquedo, o comportamento de brincar e a sua importância o desenvolvimento infantil.

2. O Brinquedo e o Comportamento de Brincar

O brincar possui um importante papel no desenvolvimento da criança, pois é nas brincadeiras que a criança encontra um espaço para se expressar e se conectar com a cultura em que está inserida, além dos brinquedos serem os primeiros objetos de interação da criança com esta cultura. Tradicionalmente, as crianças procuram imitar a vida dos adultos através das brincadeiras (Sant'Anna, 2014), então, uma criança inserida numa cultura binária de gênero, é restringida pelos adultos a apenas brinquedos relacionados ao seu sexo biológico. Brougère (1994) afirma que a brincadeira não é algo natural; nenhuma criança nasce sabendo determinada brincadeira, nem tendo preferência por determinado brinquedo, mas a cultura em que ela está inserida exerce uma grande influência nestas preferências. Afirma também que é importante considerarmos que o brinquedo ultrapassa uma dimensão funcional, tendo também uma dimensão simbólica. Entretanto, não há como efetivamente separar estas duas dimensões, já que para o brinquedo ter um significado, ele indiscutivelmente tem uma forma. Ainda segundo Brougère (p. 42), o brinquedo pode ser uma representação da realidade, logo, se a criança está inserida nesta cultura binária, o brinquedo que vai representar sua realidade será apenas aquele dito apropriado para seu sexo, restringindo a criança a outras realidades, o que não aconteceria em uma cultura não binária.

Antigamente, pais e crianças faziam brinquedos manualmente, o que era bem recebido e bem explorado pelas crianças, que podiam usar sua criatividade e imaginação na produção e manuseio destes brinquedos (Lira, 2009). Surgem então as indústrias de brinquedos, que reforçando a lógica estereotipada, insistem em reproduzir uma cultura binária marcada por símbolos culturais. A forma como estes brinquedos são apresentados e oferecidos deixa implícito o que a sociedade espera de meninos e de meninas (Possapp, 2014). Brinquedos relacionados ao cuidado da casa ou dos filhos são predominantemente rosa, com meninas em suas caixas. Brinquedos voltados ao raciocínio lógico ou automóveis são predominantemente azuis, com meninos em suas caixas. Um estudo realizado por Possapp (2014) descreve que mesmo em sites da internet, a seção de brinquedos é dividida por gênero. Nesta divisão, podemos encontrar na seção de meninas, bonecas e moda, por exemplo. Já na seção de meninos podemos encontrar carrinhos, lançadores que atiram bolas, água, dardo, piões, o que reforça mais uma vez estereótipos de

gênero. “A propagação de práticas sexistas dentro desta esfera (brinquedos), fundamental na formação da criança, pode levar meninos e meninas a se colocarem em posições opostas e contribuir para que a desigualdade entre os gêneros seja perpetuada” (Possap, p. 27).

Como afirma Bomtempo (1999), “o brinquedo é um objeto que reproduz valores e conceitos de uma sociedade”. Isto mostra como é problemático manter uma cultura binária de gênero, que reforça constantemente estereótipos e preconceitos que a sociedade vai impondo desde quando somos apenas crianças brincando. Nesta sociedade, as meninas já aprendem desde cedo que ser menina não é tão bom quanto ser um menino (Walsh, 2016). Em uma pesquisa realizada por Kishimoto e Ono (2008), com crianças de dois a dez anos de idade, frequentadoras de uma brinquedoteca, foi destacado que meninos costumam dizer que preferem o papel de mau na brincadeira, considerado papel masculino, porque é mais interessante, tem mais coisas para se fazer e não é tão parado quanto os papéis realizados pelas meninas, como princesas e fadas. As autoras afirmam ainda que brincadeiras com lutas, por exemplo, não representam uma violência para as crianças, mas sim é uma possibilidade para estas assumirem papéis interessantes e ativos, além de estimular a linguagem corporal e oral para expressar ideias. Sendo assim, ainda que sejam consideradas brincadeiras de menino, também são importantes para o desenvolvimento das meninas.

Bomtempo (1999) diz também que geralmente os adultos não sabem comprar brinquedos para as crianças, já que focam no que a criança não tem, no que é bonito, ou nos brinquedos com maior propaganda. Pensando em uma sociedade estereotipada, também é possível que os adultos foquem apenas em brinquedos ditos apropriados para determinado sexo, ao invés de procurarem simplesmente por brinquedos apropriados para a idade da criança, que ajudem num bom desenvolvimento infantil. Sabendo que um adulto é quem compra o brinquedo, e uma vez que muitos deles acreditam haver uma influência destes brinquedos na orientação sexual, o adulto procurará comprar um brinquedo que seja culturalmente apropriado ao sexo da criança. Ao dar invariavelmente brinquedos estereotipados, o adulto estará privando-a de uma conexão mais ampla com a cultura ao seu redor, restringindo suas formas de se expressar nas brincadeiras, e restringindo a criança a uma parte estereotipada da cultura, parte esta que provavelmente corresponderá ao

seu sexo biológico. Estudos mostram que “crianças vindas de famílias tradicionais quanto à distribuição de papéis sexuais são mais estereotipadas do que aquelas que vivem em famílias menos convencionais neste aspecto (Le Maner-Idrissi, Barbu e Maluf, 2004, p. 20)”, mostrando como pode ser prejudicial à criança ter aspectos de sua vida restringidos a estereótipos. Silva (2008) diz que a criança deve ser estimulada à brincadeira, seja com brinquedos prontos ou mesmo em meio à natureza. Também é importante que ela tenha tempo e espaço para brincar, e uma grande variedade de brinquedos e brincadeiras pode contribuir para um melhor desenvolvimento infantil.

Hussein, Bomtempo e Zamberlan (1986) estabelecem variáveis que influenciam o comportamento de brincar, que são: idade, sexo, diferenças culturais, classe social, companhia durante o brinquedo, tipos de brinquedos, novidade e complexidade. As autoras ainda mostram que a influência do sexo no comportamento de brincar diz respeito aos estereótipos de gênero, ao sexo do par ou do experimentador. Ainda na pesquisa realizada por Kishimoto e Ono (2008), as autoras afirmam que quando as crianças brincam no grupo misto, meninos e meninas, as experiências lúdicas são diversas e há uma equidade no brincar, onde houve meninos se fantasiando e brincando de donas de casa, usando perucas, brincando com brinquedos cor-de-rosa, meninas se fantasiando de personagens masculinos, jogando futebol de botão, entre outros.

Procurando entender a origem das preferências estereotipadas, Jacklin, Maccoby e Dick *apud* Hussein, Bomtempo e Zamberlan (1986) fizeram uma pesquisa com crianças de treze e catorze meses de idade, de ambos os sexos, em uma situação com brinquedos e na presença de suas mães. Concluíram que as crianças desta idade ainda não apresentaram preferências estereotipadas em relação aos brinquedos presentes na pesquisa. Já em 1974, Jacklin e Maccoby *apud* Hussein, Bomtempo e Zamberlan (1986) sugeriram que a preferência estereotipada em relação aos brinquedos se evidencia por volta dos três anos de idade, onde os meninos são mais afetados do que as meninas. Montmayor (1974) *apud* Hussein, Bomtempo e Zamberlan (1986) realizou um estudo com brinquedos estereotipados para verificar as diferenças no desempenho e no poder de atratividade de um jogo para crianças em idade escolar. Os resultados mostraram que as crianças brincavam mais e com melhor desempenho com brinquedos ditos apropriados para

o outro sexo quando viam um modelo correspondente ao seu sexo manipulando tal brinquedo. A partir de então podemos ver a importância da aprendizagem social como uma variável que pode influenciar a preferência estereotipada das crianças em relação aos brinquedos.

Zamberlan (1986) realiza dois estudos para analisar estereótipos de gênero em crianças em relação ao brinquedo: o primeiro é realizado em ambiente natural com controle de laboratório, com doze crianças, seis meninas e seis meninos, três pré-escolares e três escolares. O outro estudo foi feito em ambiente restrito de laboratório, também com doze crianças, seis pré-escolares e seis escolares. Ambos os estudos mostraram que as crianças demonstram estereótipos de gênero, sendo que as diferenças mais significantes ocorreram entre as crianças do primeiro estudo. Zamberlan concluiu também, que meninos se mostram mais estereotipados do que meninas em suas escolhas.

Graciano (1978) cita diversas pesquisas com famílias heterossexuais: Rubin (1974), Goodenough (1957), Rebelsky e Hanks (1971), Arbele e Naegele (1952), Lambert e colaboradores (1971) que mostram que desde o nascimento, quando as crianças ainda não apresentam diferenças comportamentais, os pais já vão criando seus filhos de acordo com os estereótipos de gênero. As pesquisas mostraram também que os pais costumam demonstrar mais estereótipos do que as mães, assim como os pais tinham maiores expectativas estereotipadas em relação aos filhos e filhas do que as mães: os pais esperavam que os filhos fossem mais agressivos e atléticos e que as filhas fossem mais bonitas, dóceis, frágeis e delicadas. As expectativas em relação aos comportamentos de meninos e meninas fazem com que os pais vão respondendo diferencialmente a cada um, moldando assim seus comportamentos tipificados. É justamente nesta diferenciação que a vida das crianças vai ficando limitada a apenas o que é dito apropriado para seu gênero, desde as cores que podem gostar, passando pelas roupas que podem usar, brinquedos que podem brincar, até comportamentos ditos apropriados ao seu gênero.

Considerando, então, que brinquedos são os objetos mais dotados de simbolismo para as crianças, e sabendo que, ao serem dados por adultos, trazem consigo significações culturais de papel sexual (Cunha, 2008), este estudo propõe,

por meio de questionário online com pais e mães, descrever e analisar os motivos pelos quais os adultos escolhem os brinquedos para as crianças pequenas (até 6 anos de idade).

3. MÉTODO

Considerando que este estudo visou descrever e analisar os motivos pelos quais os pais escolhem os brinquedos para seus filhos, esta pesquisa buscou, de forma qualitativa, compreender o significado que os indivíduos atribuem às suas experiências, nas práticas e conhecimento do cotidiano, considerando suas crenças e valores (Flick, 2009).

Para tanto, foi elaborado, pela autora, um questionário com questões fechadas e abertas, apoiadas nas referências consultadas sobre o tema em questão (ANEXO B).

O questionário destinou-se a mães e pais com filhos de 0 a 6 anos de idade, não tendo sido critérios de exclusão a orientação sexual da família ou dos respondentes, nem a quantidade de filhos, desde que pelo menos uma criança tivesse até 6 anos de idade. A escolha desta faixa etária considerou que os responsáveis de crianças pequenas são quem têm maior influência na compra/escolha dos brinquedos.

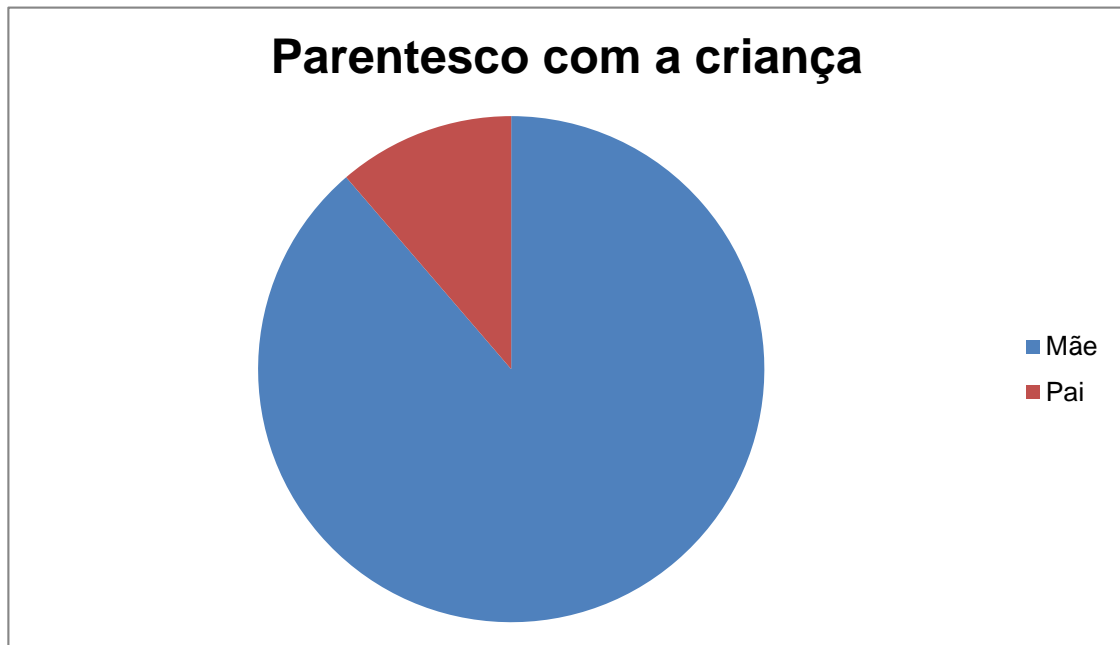
A fim de testar o instrumento construído, dois pré-testes foram realizados sob orientação e presença da autora, para verificar a compreensão dos participantes acerca das perguntas. Sobre esta etapa, foram selecionadas duas pessoas com filhos de até 6 anos de idade, e foi dada uma folha com as questões para cada respondente, contendo também o termo de consentimento livre e esclarecido. Após responderem, foi perguntado se haviam tido alguma dificuldade ou falta de compreensão em relação a alguma pergunta. Uma vez a pré-testagem tendo sido bem sucedida, os dados obtidos foram posteriormente considerados nos resultados.

A fim de obter uma maior quantidade de respondentes e diversidade de famílias, o questionário foi divulgado através de redes sociais e disponibilizado online durante um período de quinze dias, entre 26/03/2017 e 11/04/2017. Proposto em conformidade com resolução 166/2012, o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO A) foi solicitado a todos participantes. Ao final deste período preestabelecido, foram obtidas um total de 106 respostas, sendo 104 online e 2 do pré-teste.

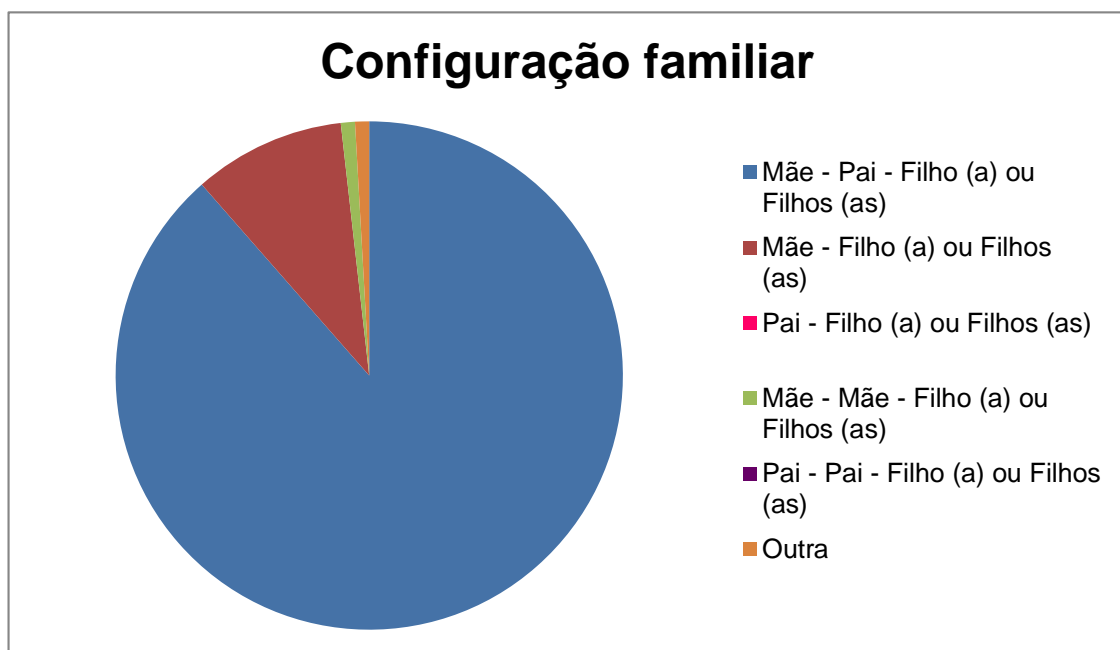
Sobre os resultados, as questões fechadas foram processadas descritivamente e transformadas em gráficos, de modo a caracterizar a amostra, levantando o perfil dos pais. As perguntas abertas foram analisadas em seu conteúdo de modo a permitir a construção de categorias de análise, seguindo tecnicamente os passos sugeridos por Bardin (2006): pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Os dados coletados permitiram responder ao objetivo do estudo em questão, sobre o comportamento de escolha dos brinquedos e suas razões, dados estes que foram discutidos após análise.

4. RESULTADOS E ANÁLISE

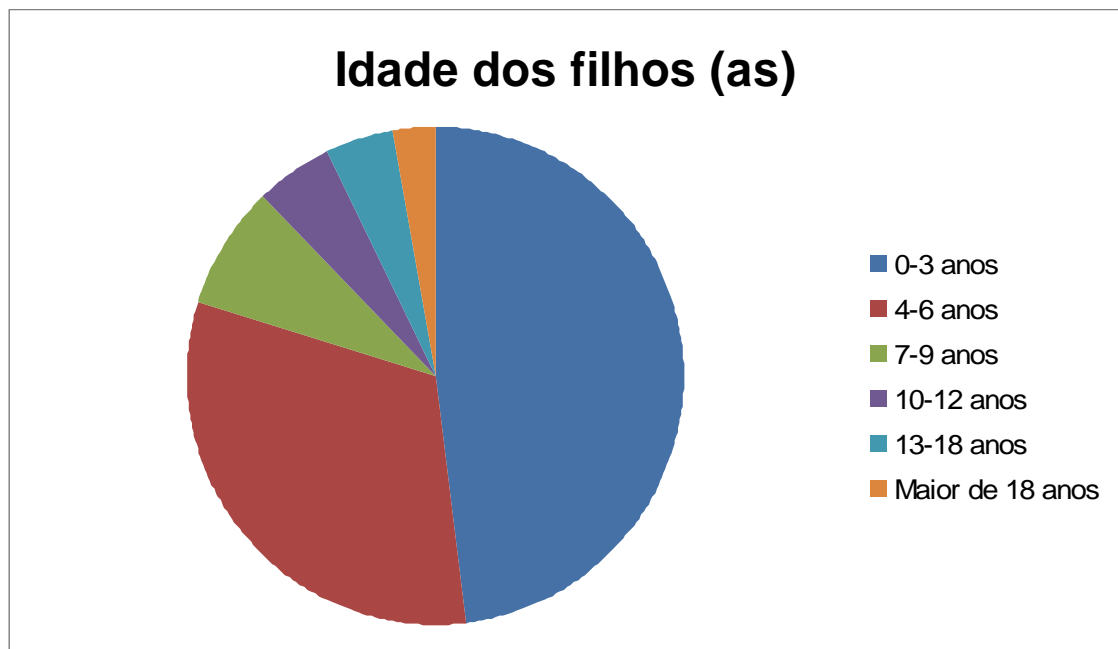
Dentre as 106 respostas obtidas através do questionário online, temos que a maioria (88,7%) foi composta por mães.



A configuração familiar composta por mãe, pai e filho (a) ou filhos (as) foi maioria (88,7%), seguido por mãe de famílias monoparentais (9,4%). Houve também resposta de uma mãe que compõe família homoafetiva, e uma resposta que não se encaixou em nenhuma das alternativas dadas.

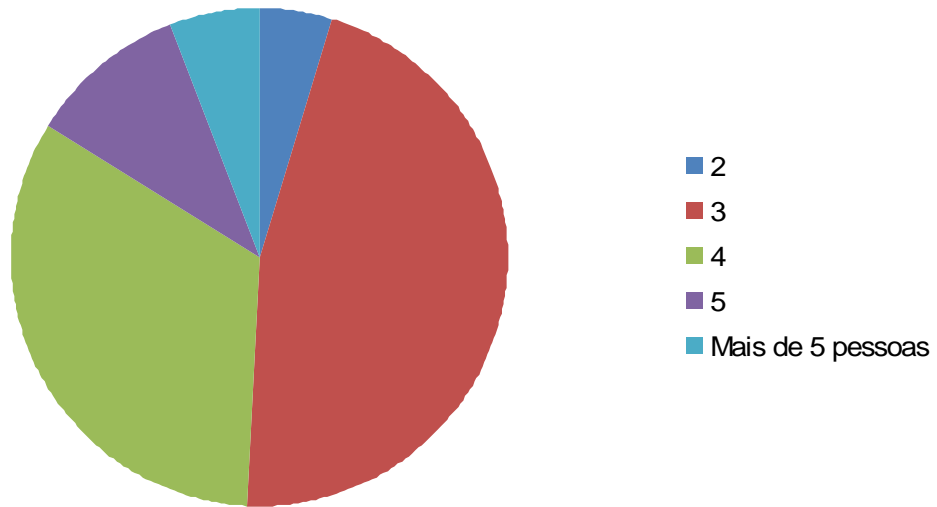


A maioria (63,2%) dos filhos dos participantes tem entre 0 e 3 anos de idade e 41,5% dos filhos participantes têm entre 4 e 6 anos de idade. A soma dessas porcentagens passa de 100% pois os pais podem ter mais de um filho que se encaixam nos intervalos das idades dadas, entretanto foi pedido que respondessem apenas sobre um filho às perguntas qualitativas.



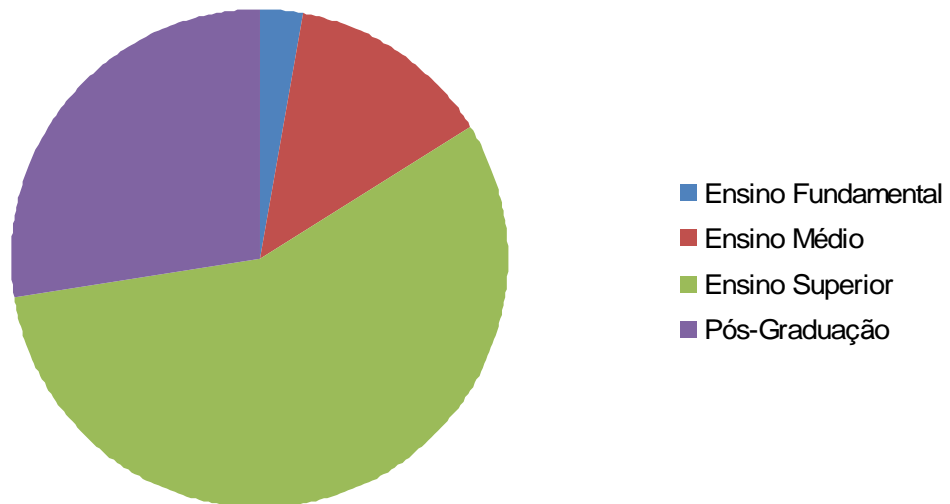
A amostra é composta de famílias pequenas, de três (46,2%) e quatro (33%) membros, porém também apareceram famílias de dois (4,7%), cinco (10,4%) e mais de cinco membros (5,7%).

Pessoas que residem na casa



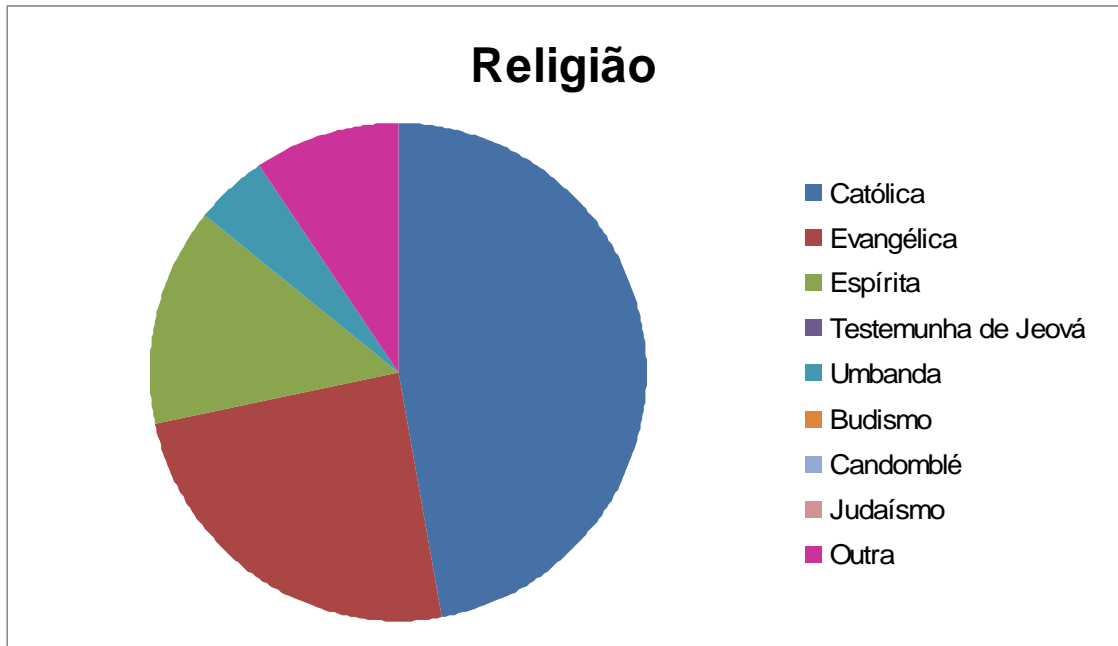
Em relação à escolaridade, 2,8% dos participantes possui ensino fundamental, 13,2% ensino médio, uma maioria de 56,6% que possui ensino superior e 27,4% possui pós-graduação.

Escolaridade dos pais

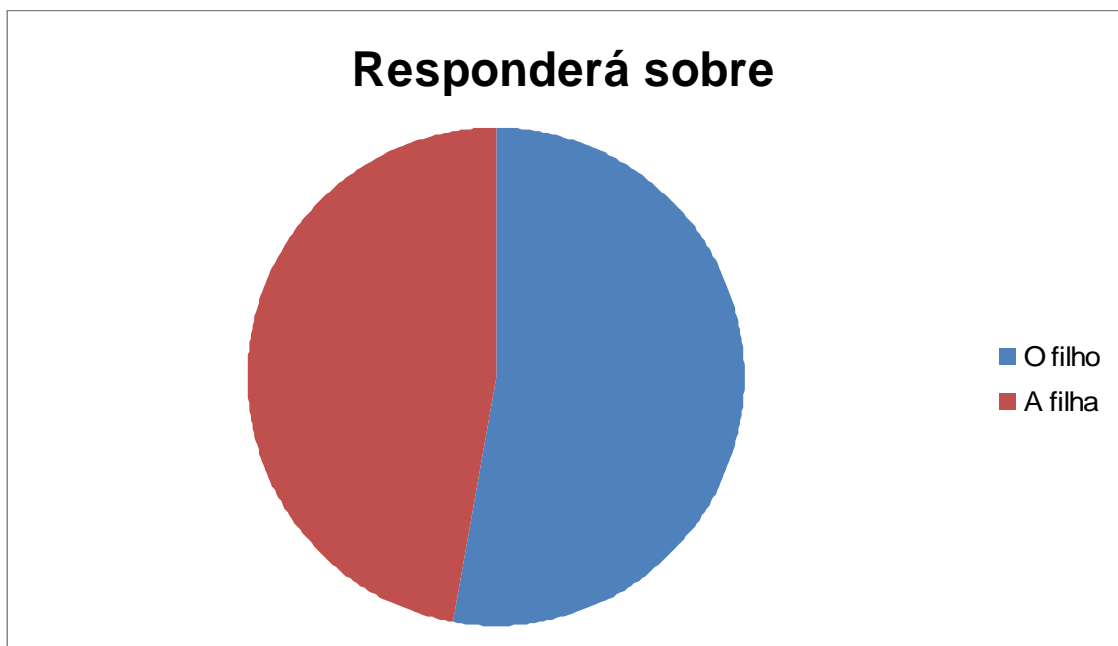


A religião dos pais se concentrou na religião católica (47,2%), mas houve participantes evangélicos (24,5%), espíritas (14,2%), umbandistas (4,7%) e 9,4%

dos participantes escolheram a alternativa “outra”, não se encaixando em nenhuma religião dada.



Quando foi pedido aos pais que respondesse as perguntas qualitativas apenas sobre um dos filhos, 52,8% optaram por responder sobre os filhos e 47,2% optaram por responder sobre as filhas, resultando numa amostra bastante equilibrada de pais de meninos e de meninas.



4.1 SOBRE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Foram diversos os brinquedos que os pais colocaram como preferidos das crianças. Os que mais apareceram foram: aparelhos eletrônicos (32,1%), brinquedos de empurrar, puxar, rolar (25,5%), bolas (25,5%), brinquedos musicais (25,5%) e bonecas (24,5%). Também apareceram: bonecos de personagens (24,5%), bicicletas/motocas (21,7%), caixas de encaixe de formas e cores (21,7%), cubos, formas para empilhar (17,9%), quebra-cabeças e jogos da memória (15,1%), jogos de desenho, quadros-negros (13,2%), pelúcias (12,3%), jogos esportivos (9,4%), brinquedos para brincar em piscina/mar (8,5%), pistas para autos/trens elétricos (8,5%), materiais de colagem (7,5%), jogos de perguntas e respostas (5,7%), brinquedos de profissões (5,7%), outros (5,7%) e aparelhos eletrodomésticos reduzidos, com função imitando o real (3,8%).

Sobre o responsável pela escolha dos brinquedos, 49% dos pais afirmaram que escolhem sozinhos, 30% que a criança escolhe sozinha, e 21% afirmaram escolher em conjunto. Estes percentuais denotam que os pais se responsabilizam pela escolha dos brinquedos, mas um percentual igualmente relevante expressa que as crianças também participam desta escolha. As mães e pais que afirmaram escolher em conjunto com seus filhos, disseram levar em conta o gosto da criança, assim como procuram estimular uma autonomia nos filhos. Entretanto, houve respostas como “eu ou ele, baseado no que ele gosta”, “se for muito caro escolhemos outro juntas”, “por enquanto eu, mas a cor é ela”, “minha filha, mas com a minha aprovação”, “uma parte os pais e outra deixo minha filha à vontade para escolher, assim induzo a independência dela” e “ele escolhe, porém se o pai estiver junto, nem sempre pode escolher o que realmente quer”. Uma mãe afirmou haver conflito com o pai no momento da escolha dos brinquedos, já que se o mesmo estiver presente, o filho não necessariamente pode escolher o brinquedo que desejar.

Foram critérios de decisão sobre comprar ou não um brinquedo: preço, não incitar a violência, ser educativo, se a criança vai usar ou não o brinquedo, se a criança gosta ou não do brinquedo, se corresponde com a idade da criança, segurança, brinquedos que possibilitam a interação com outras crianças, necessidade da criança, qualidade do material e da informação que ele transmite,

datas comemorativas, mérito por melhoras no comportamento, brinquedos que ajudam no desenvolvimento físico e emocional, que atinjam partes motoras e cognitivas, se o brinquedo é colorido e tem som. Houve uma resposta “evitamos eletrônicos”.

Diferente dos brinquedos, onde os pais afirmam que a maioria das crianças preferem brinquedos eletrônicos, quando perguntada qual a brincadeira preferida do filho (a), as respostas foram: boneca, pega-pega, jogar bola, esconde-esconde, brincar com carrinhos, brincar de casinha, brincar de cozinhar, lutas, correr, brincar com personagens, dançar, móbile, vídeo game, desenhar, faz de conta, jogo da memória, pular, super-herói, lego, espião, cobrir e descobrir o rosto, escolinha, brincar na banheira, tocar instrumentos musicais, andar de bicicleta, jogos de computador e celular, piscina de bolinhas, massinha, ler histórias e qualquer brincadeira que exija interação com outras pessoas (responsáveis ou crianças).

Analisando os motivos pelos quais os pais escolhem os brinquedos para seus filhos, temos que os brinquedos devem ser educativos ou ajudar no desenvolvimento físico, emocional, motor e cognitivo. Os pais também se preocupam com a segurança dos brinquedos, e procuram comprá-los ao notar bom comportamento nos filhos ou em datas comemorativas.

4.2 SOBRE BRINCAR COM BRINQUEDOS CONSIDERADOS DO SEXO OPOSTO

Foram diversas as justificativas que os pais deram sobre deixar ou não seus filhos brincarem com brinquedos considerados do sexo oposto (ANEXO C). Houve, inclusive, mães e pais que afirmaram ainda não ter oportunidades de fazer esta distinção entre brinquedos, já que têm filhos muito pequenos. Para uma melhor análise, as repostas foram divididas em sim (deixariam brincar com brinquedos considerados do sexo oposto) e não (não deixariam brincar com brinquedos considerados do sexo oposto). Entretanto, analisamos que, qualitativamente, as respostas sim apresentadas tiveram características diferentes denotadas nas justificativas parentais, e foram organizadas como “sem ressalvas” e “com ressalvas”, ou seja, pais que deixam seus filhos brincarem com brinquedos

considerados do sexo oposto e não levantam nenhum argumento que se oponha a isto em termos de justificativa e pais que deixam seus filhos brincarem com brinquedos considerados do sexo oposto, mas fazem ressalvas a respeito.

Sobre as respostas de sim “sem ressalvas”, observou-se que os pais consideram que as crianças ainda não possuem estereótipo de gênero internalizado, ou seja, não têm o julgamento de que brinquedos possuem gênero, como podemos ver em “com certeza. É uma criança, não há esse julgamento de brinquedos por gênero”. Respostas como “porque as crianças não veem maldade, quem coloca coisas desnecessárias na cabeça é a sociedade”, mostram como os pais acreditam que a malícia e o preconceito estão presentes apenas nos adultos, e por isso não veem problemas em deixar seus filhos brincarem com brinquedos considerados sexistas. Alguns pais afirmam ainda que, além das crianças, eles próprios não acreditam que brinquedo tenha gênero, e por não acreditarem, veem como normal que as crianças brinquem com o que sentirem vontade, como vemos em “não faço diferença entre esses brinquedos” ou “claro. Não acho que o brincar passa pelo gênero. Meu filho tem e brinca de cozinha e seus aparelhos, adora cozinhar”. Muitos destes pais afirmam que não deve haver sexismo no brinquedo, e não querem que seus filhos sejam machistas ou suas filhas cresçam acreditando que não podem fazer atividades que a sociedade considera como de meninos. Observou-se também que muitos pais se preocupam em estimular a autonomia da criança, onde ela própria deve ter o direito de decidir com o que quer brincar, como em “acho que a criança tem direito de brincar com o que mais despertar interesse, pois pode estimular mais”. Em respostas como “acredito que isso não interfere na opção sexual que ele escolher”, “pois não vejo nada demais, até porque um brinquedo não vai influenciar ou definir a sexualidade dela” ou “as preocupações geralmente refletem a insegurança dos adultos, não das crianças”, vemos como uma justificativa bastante frequente para os pais deixarem seus filhos brincarem com tais brinquedos, foi a de que acreditam que brinquedos não vão influenciar ou interferir na futura orientação sexual da criança. Por fim, assim como a interação foi um critério importante para as outras perguntas, aqui a interação, tanto com outras crianças quanto com os próprios pais, também foi um critério relevante. Os respondentes afirmaram que as crianças têm irmãs, irmãos ou amigos, e nessa interação é normal que haja uma troca entre os brinquedos, independente do sexo das crianças. “Ele tem irmã,

brincam juntos e porque acredito ser importante meninos brincarem de bonecas para estimular o cuidado e a paternidade”, “porque ela tem irmão da mesma idade, brincam juntos e porque ela é livre pra escolher do que gosta”, “porque ele precisa interagir com as crianças do sexo oposto”, “assim como eu brinco de boneca com ela, ensino que nenhum brinquedo é só de menino ou só de menina”. Algumas mães ainda afirmaram que os filhos brincam ou podem brincar de boneca, já que se espelham em suas relações com os pais. Houve uma resposta particular, na qual a mãe afirmou deixar o filho o brincar com brinquedos considerados do sexo oposto, porém há um conflito quando o pai está presente no momento da compra, já que com ele, o filho não pode escolher o que realmente quer, e sim apenas o que é autorizado pelo pai.

Houve respostas de sim, mas com ressalvas. Para estes pais, a autorização para brincar com tais brinquedos depende muitas vezes da brincadeira ou do modo de brincar; “depende da brincadeira em questão, ela é uma criança, deve ser criada com o que é natural para uma menina”. Há também aqueles pais que respondem positivamente, porém afirmam que há a necessidade de outras crianças presentes na brincadeira, como vemos em “se ele está com meninas, tudo bem, porque faz parte da interação da brincadeira a troca, mas sozinho não tem como, porque ele é filho único”. Em “alertaria o mesmo sobre o brinquedo ser indicado para meninas” ou “eu explico, mas não o proíbo e também deixo matar a curiosidade dos brinquedos femininos”, vemos que alguns pais, apesar de não proibirem seus filhos de brincarem com tais brinquedos, têm a concepção de que há a diferenciação entre brinquedos femininos e masculinos. Há também pais que aceitam a brincadeira, porém afirmam que não comprariam brinquedos considerados do sexo oposto. A partir de tais ressalvas, temos que muitos pais não acreditam ser natural um brinquedo que se opõe ao sexo biológico da criança, porém encaram com maior naturalidade quando estes brinquedos aparecem na interação com crianças do sexo oposto.

Apenas quatro respondentes (três mães e um pai) explicitaram que não deixam os filhos brincarem com brinquedos considerados do sexo oposto. As três famílias são heteronormativas, três responderam sobre crianças de 0 a 3 anos e uma mãe respondeu sobre o filho, de 4 a 6 anos. As famílias possuem de 3 a 5 pessoas na casa, e a escolaridade variou de ensino médio à pós-graduação. A única

resposta unânime foi a religião católica, e as crianças sobre as quais os pais responderam se dividiram em dois meninos e duas meninas. Uma mãe e um pai afirmaram que são eles quem escolhem os brinquedos para seus filhos, uma mãe afirmou que o filho escolhe sozinho, e uma mãe afirmou que escolhe com o marido. Os critérios que estes pais atribuíram para comprar ou não um brinquedo variaram entre ser educativo, a filha mostrar interesse pelo brinquedo, ser adequado para a idade, se o brinquedo vai ajudar no desenvolvimento e fazer a criança feliz. As justificativas foram semelhantes, “não, só compro brinquedos de menina”, “não, porque não é o gênero dela”, “não, considero inadequado” e “não, pois acredito que ele tem grandes opções de brinquedos relacionados ao sexo dele”. Podemos ver que as informações sobre as famílias e as crianças não destoam das famílias que disseram deixar os filhos brincarem com tais brinquedos, ou seja, não há diferenças relevantes na configuração familiar, pessoas que residem na casa, escolaridade dos pais ou religião entre estas famílias, entretanto as justificativas mostram, semelhantemente às respostas de sim com ressalvas, que os pais possuem a ideia de que há brinquedos específicos para meninos e meninas.

5. DISCUSSÃO

Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar os motivos pelos quais os adultos escolhem determinados brinquedos para as crianças pequenas, de até 6 anos de idade.

Neste estudo, tivemos a participação de 106 pais e mães, sendo a maioria composta por mulheres respondentes (88,7%). Em um estudo aberto a pais e mães de diferentes configurações familiares, este alto percentual de mães respondentes parece ir ao encontro das observações de Borsa e Nunes (2011) que afirmam que ainda que tenham ocorrido mudanças na família contemporânea, são as mães quem tendem a serem ou a sentirem-se responsáveis pela casa e cuidado dos filhos.

A amostra deste estudo compôs-se de pais e mães de níveis socioeducativos elevados, que mostram ter bastante clareza acerca da importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Esta importância foi dita no capítulo sobre “o brinquedo e o comportamento de brincar”, aonde vimos ser um consenso que o brincar é o método mais eficaz para a aprendizagem de uma criança.

Quando perguntado sobre os critérios que os pais utilizam para comprar ou não um brinquedo, nesta amostra não houve nenhum pai ou mãe que respondeu explicitamente que o gênero do brinquedo é um critério que levam em consideração, entretanto, tanto em respostas da categoria “sim com ressalvas” quanto da categoria “não” para a pergunta “você deixaria seu filho (a) brincar com brinquedos considerados do sexo oposto?”, alguns pais afirmaram que não compram ou não comprariam tais brinquedos. Tanto as ressalvas para as repostas sim, quanto as justificativas para as repostas não, mostram que mesmo os pais que autorizam as brincadeiras, possuem uma ideia de que os brinquedo naturalmente possuem gênero.

Parte dos pais e mães desta amostra afirma que deixa seus filhos brincarem com brinquedos considerados do sexo oposto, e uma questão frequente para estes pais, foi a de que acreditam que o brinquedo não influencia na futura orientação sexual da criança. Para estes pais, podemos ver que o brincar é mais importante do que o brinquedo, ou seja, são pais que desconsideram características femininas ou masculinas de um brinquedo, e consideram que o brincar livre é uma das formas mais importantes para o desenvolvimento de uma criança.

A maior parte dos pais se dividiu entre não deixar seus filhos brincarem com tais brinquedos, ou deixar apenas quando há a interação com outras crianças, onde podem supervisionar este brincar, e alguns pais afirmam ainda que, apesar de não proibirem, também não estimulam e explicam para os filhos que há esta divisão entre brinquedos de meninos e de meninas.

Parte dos participantes afirmou que seus filhos de até três anos de idade ainda não demonstram preferências por nenhum tipo de brinquedo, e alguns pais dizem ainda que a criança não demonstra interesse por brinquedos considerados do sexo oposto. Estes dados vão ao encontro dos estudos de Jacklin, Maccoby e Dick *apud* Hussein, Bomtempo e Zamberlan (1986) que afirmam que o comportamento estereotipado de gênero começa a ser percebido a partir dos três anos de idade, mesmo que ao nascer a criança já esteja inserida numa cultura estereotipada em relação a gênero. Esta falta de preferência ou de interesse das crianças, relatadas pelos pais, podem ser de fato um comportamento não observável, entretanto, como afirma Brougère (1994), a criança está inserida em uma cultura que exerce forte influência em relação a seus gostos, sendo assim, dependendo do contexto (cultural/familiar), tal preferência ou falta de interesse podem refletir mais uma educação sexista dos pais do que uma espontaneidade das próprias crianças.

Antigamente os brinquedos eram feitos manualmente, estimulando a imaginação e criatividade das crianças (Lira, 2009). Hoje, a mídia exerce forte influência nos brinquedos desejados pelas crianças, e, mais que isso, ela reproduz e reforça a ideia de que brinquedos têm gênero, fazendo divisões para meninos e meninas desde a internet até as lojas físicas (Possapp, 2014). Esta diferenciação pode fazer com que uma criança vá automaticamente para a seção que representa seu sexo biológico no momento de escolher um brinquedo. Em um mundo não sexista, onde as propagandas, sites ou lojas não fizessem esta divisão, a criança teria maior liberdade e maiores possibilidades de escolha. Nesta amostra, 51% dos pais afirmaram que a criança tem voz no momento de escolha de um brinquedo, seja apontando que a criança escolhe sozinha ou que escolhe em conjunto com os próprios pais. Até mesmo uma mãe que afirmou não deixar o filho brincar com tais brinquedos, o colocou como sendo quem os escolhe. Podemos ver então, que essa autonomia que os pais afirmam dar para as crianças é uma autonomia limitada e

supervisionada, onde a escolha do filho pode não ser o determinante para que os pais comprem um brinquedo.

É verdade que os brinquedos trazem consigo simbolismos e significações culturais de papel sexual (Cunha, 2008), e numa cultura sexista estes simbolismos se mostram fortemente estereotipados. São talvez estes simbolismos um dos responsáveis para que mães e pais de crianças continuem com a ideia de que, ainda que o brincar seja importante para o desenvolvimento infantil, ele não pode ser completamente livre e não está isento de preconceitos da sociedade. Uma ideia comum nesta amostra foi a de que crianças não têm maldade ou preconceito, já que são características presentes e transmitidas pelos adultos, e é a partir desta ideia que os adultos podem começar a educar crianças menos estereotipadas, que, ao crescer, vão reproduzir e perpetuar menos um preconceito de gênero tão enraizado em nossa cultura.

A partir destes dados, podemos ver que o modo com o qual os pais lidam ou lidariam com seus filhos demonstrando interesse ou preferência por brinquedos considerados do sexo oposto ao da criança, se dividiu entre: aceitam, já que acreditam não haver uma divisão por gênero dos brinquedos; e uma maioria dividida entre: aceitam a partir do momento em que há outras crianças envolvidas na brincadeira, e não aceitam, já que têm uma ideia de brinquedos possuem, sim, gênero definido, então consideram inadequado que seus filhos brinquem com brinquedos considerados do sexo oposto ao biológico da criança.

Duas questões importantes a serem discutidas, que não apareceram ou que pouco apareceram nesta amostra são: orientação sexual e conflito conjugal. Sobre a orientação sexual, vimos na literatura que grande parte dos pais, mães e educadores acredita que o brinquedo pode influenciar na futura orientação sexual da criança. Nesta amostra, a questão da orientação sexual apareceu somente quando os pais que deixam os filhos brincarem com brinquedos considerados do sexo oposto afirmaram não acreditar haver essa influência. Para os pais que tiveram ressalvas e para os pais que afirmaram não deixar os filhos brincarem com tais brinquedos, as justificativas ficaram apenas em questões de gênero e papéis de gênero, mas nenhuma resposta abordou questões sobre orientação sexual.

Sobre conflito conjugal, a questão que apareceu pouco nesta amostra, mas que é de grande importância quando falamos sobre uma educação sexista que os pais passam para os filhos, é quando um dos responsáveis possui esclarecimento sobre questões de gênero e procura criar seus filhos sem tais estereótipos, porém há um conflito com o outro responsável, que tenta impor limites e não proporciona uma liberdade de escolha para seus filhos. Este conflito parental pode ser mais prejudicial à criança do que quando ambos os responsáveis fazem uso de uma educação sexista. Benetti (2004) afirma que quando a criança é exposta a conflitos conjugais, o impacto destes conflitos se associa a uma maior exposição da criança às situações de estresse, tendo impactos psicológicos, cognitivos e relacionais para esta criança. Sendo assim, ainda que o sexismo seja um problema a ser combatido, uma criança cuja mãe respondeu não deixá-la brincar com brinquedos considerados do sexo oposto, pode se encontrar numa situação menos prejudicial do que uma criança cuja mãe afirmou que deixa brincar com tais brinquedos, entretanto há um conflito com o pai, onde quando este está presente no momento da compra do brinquedo, não deixa o filho escolher o que realmente quer.

A partir do que foi discutido aqui, vimos como o nível socioeducativo dos pais não os deixa necessariamente isentos de estereótipos ainda tão presentes em nossa cultura. A maneira como lidam com questões de gênero relacionadas ao brinquedo, mostra que a ideia de existirem brinquedos de meninos e de meninas ainda este presente mesmo nestas camadas mais intelectualizadas da sociedade, e que, embora já tenham percebido a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, muitas vezes a questão da interação com outras crianças chega a ser mais relevante para deixarem ou não seus filhos brincarem com tais brinquedos.

Levando em conta as informações obtidas através da literatura sobre a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, e os dados obtidos através dos questionários, que mostram em sua maioria que os pais ainda possuem bastante enraizados estereótipos de gênero, considero ser de grande importância que haja uma desconstrução da ideia de que há brinquedos que são exclusivamente de meninos ou de meninas, para que, num futuro, possamos possibilitar a todos os meninos e meninas uma maior liberdade em suas escolhas de brinquedos e brincadeiras, escolhas que serão feitas apenas por gostos pessoais e, finalmente, deixarão de ser pautadas em estereótipos culturalmente estabelecidos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a descoberta da gravidez, a criança já é inserida em um ambiente sexista, onde o começo das diferenciações entre meninos e meninas já se dá através da predominância do azul ou rosa nos enxovais. Conforme as crianças vão crescendo, é possível notar que os pais educam diferencialmente meninos e meninas, através de roupas, brinquedos, comportamentos adequados, até escolhas futuras, como carreira e sucesso para meninos, casamento e família para meninas (Jacquet, 2009). Essa educação diferenciada acontece porque os próprios adultos estão inseridos nessa cultura estereotipada e sexista, que ainda tem dificuldade para separar sexo e gênero. Como vimos, ambas as características estão presentes em todo ser humano, entretanto, o sexo é biológico e o gênero, uma construção social. Sendo assim, a cultura nos impõe desde cedo, características, gostos e comportamentos adequados para meninos e meninas, e uma das primeiras imposições é o brinquedo que as crianças podem ou não brincar. Muitos pais e educadores ainda acreditam que o brinquedo pode influenciar na futura orientação sexual da criança, ainda que esta seja definida apenas como “atração afetivo-sexual por alguém” (Jesus, 2012) e não esteja necessariamente relacionada ao gênero ou papéis de gênero, e, portanto procuram limitar o acesso a brinquedos considerados inadequados para o sexo biológico da criança.

O brincar possui grande importância no desenvolvimento infantil, pois é através das brincadeiras que a criança se conecta com a cultura que está inserida, e os brinquedos são os primeiros objetos de interação da criança com esta cultura. Por estarmos em uma sociedade sexista, uma criança muitas vezes é restrita apenas a brinquedos considerados apropriados para o seu sexo biológico, o que limita as formas de uma criança se expressar nas brincadeiras, e permite que esta seja exposta a apenas brinquedos estereotipados, culturalmente ditos como de meninos ou de meninas. Estes estereótipos, entretanto, são vistos a partir dos três anos de idade (Jacklin, Maccoby e Dick *apud* Hussein, Bomtempo e Zamberlan (1986)). Estudos levantados neste trabalho mostram como as crianças dessa faixa etária não possuem preferências estereotipadas em relação aos brinquedos, o que mostra que o preconceito está nos adultos, que o transmitem aos seus filhos através da educação. Conforme as crianças vão crescendo, os pais e a mídia passam a ter grande influência na escolha e preferência dos brinquedos, e, como afirma Possap

(2014, p. 27) “a propagação de práticas sexistas dentro desta esfera (brinquedos), fundamental na formação da criança, pode levar meninos e meninas a se colocarem em posições opostas e contribuir para que a desigualdade entre os gêneros seja perpetuada”.

Considerando a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, e considerando como a cultura binária e sexista pode ser prejudicial no desenvolvimento e socialização de uma criança, este estudo teve como objetivo analisar e descrever os motivos pelos quais os adultos escolhem determinados tipos de brinquedos para as crianças pequenas (até 6 anos de idade). Através de um questionário online destinado a mães e pais, foram obtidos dados importantes sobre questões de gênero e brinquedos na pequena infância. Podemos considerar que estereótipos de gênero estão presentes mesmo nas camadas mais intelectualizadas da nossa cultura, como o caso desta amostra. Sabendo que nenhuma criança nasce com este estereótipo internalizado, é de grande importância que haja uma desconstrução dessa ideia por parte dos adultos, para que passem a criar seus filhos sem depositar neles expectativas em relação a papéis sexuais, que resultam em preconceitos e limitações desde o campo dos brinquedos, até tantos outros contextos de suas vidas.

Algumas sugestões para continuidade de temas relacionados a esta pesquisa foram levantadas durante sua construção. Ainda que o questionário tenha sido divulgado online para obter maior variedade dos respondentes, a alta representatividade das mães e o alto nível socioeducativo das mesmas é uma questão que seria importante a ser ampliada, buscando saber o entendimento também de pais e mães de níveis socioeducativos variados, sobre reações de gênero e brinquedos. Também seria interessante a realização de pesquisas sobre a dissonância de entendimento sobre gênero na conjugalidade parental, onde pode haver conflitos que atinjam diretamente o desenvolvimento de uma criança. Foi interessante ver que, ainda que os pais tenham afirmado que aparelhos eletrônicos são os brinquedos preferidos dos filhos, na pergunta sobre as brincadeiras preferidas, estes aparelhos não apareceram, podendo haver talvez uma resistência dos pais em adquirirem brinquedos eletrônicos para crianças tão pequenas, o que também é uma sugestão interessante para futuras pesquisas.

A psicologia do desenvolvimento humano contribuiu bastante para que a sociedade tivesse a clareza de questões importantes como o brincar. Podemos ver nos resultados deste estudo que os pais e mães respondentes tanto percebem a importância quanto estimulam o brincar de seus filhos, visando um melhor desenvolvimento físico, motor, emocional e cognitivo das crianças. Entretanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido pela psicologia em relação à desconstrução deste sexismo enraizado na cultura. Devemos ir à mídia, às escolas, às instituições, com o objetivo de mostrar aos adultos que criam e educam crianças, o quão prejudicial pode ser esta perpetuação dos estereótipos de gênero, que não só limitam o universo infantil, como também limitam, segregam e impõem regras sobre como devemos ser ou agir, simplesmente por termos nascido meninos ou meninas.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque Junior, Durval M. Máquina de Fazer Machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. *Gênero e Práticas Culturais: Desafios históricos e saberes interdisciplinares*. ed. 21. Campina Grande: Eduepb, 2010.
- BENETTI, Silvia P. C. Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Leopoldo, v. 19, p. 261-268, 2004.
- BOMTEMPO, Edda. Brinquedo e Educação: na Escola e no Lar. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 3 n. 1, 1999.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- CABRAL, Mayara S. P. *#Nãoesqueceocelular: pais, filhos e smartphones*. 2016. 87 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- CUNHA, Elianne M. A. *Identidade de gênero em situação de brinquedo: um estudo com crianças pré-escolares*. 2008. 87 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo
- DIAS, Maria Berenice. Famílias homoafetivas. Disponível em: <http://www.blogdofg.com.br>. 17 setembro. 2007.
- FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n. 3 (42), p. 89-101, set./dez. 2003.
- FLICK, Uwe. *Desenho da Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GRACIANO, Marília; SILVA, Teresa, R. N.; GUARIDO, Elza L. Percepção Social em Crianças: Estereótipos Sexuais na Percepção da Família. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 21, p. 16-39, 1977.
- GRACIANO, Marília. Aquisição de papéis sexuais na infância. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.25, p, 29-44, jun. 1978.

GUERRA, Cláudia. Menino brinca de boneca e menina de carrinho? *Ed. Popular*, Uberlândia, v. 6, p. 137-142, jan./dez. 2007

HUSSEIN, Carmem Lúcia; BOMTEPO, Edda; ZAMBERLAN, Maria A. T. Variáveis Que Influenciam o Comportamento de Brincar. *A Psicologia do Brinquedo*, São Paulo, cap. 3, p. 39-71, 1986.

JACQUET, Christine. Socialização das crianças e diversificação dos arranjos familiares. *Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa*. Salvador, p. 311-327, 2009.

JESUS, Jaqueline Gomes. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. *Orientações sobre identidade de Gênero: Conceitos e Termos*. Brasília, p. 1-23, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 3, set./dez. 2008.

LE MANER-IDRISSI, Gaid Le; BARBU, Stéphanie; MALUF, Maria Regina. A construção da identidade sexuada durante os primeiros anos de vida. In: *Psicologia educacional: questões contemporâneas*. [S.l: s.n.], 2004.

LIRA, Aliandra C. M. Brinquedo: história, cultura, indústria e educação. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 4, n. 3, p. 507-525, set./dez. 2009.

LISBOA, Wellington Teixeira; SILVA, Tássio José; REZENDE, Aline S. B. Magia é de menina, aventura é de menino: os binarismos de gênero na infância pela perspectiva da indústria cultural. *Vozes e Diálogo*, Itajaí, v. 14, n. 2, p. 86-98, jul./dez. 2015.

MIRALLES, Angela Aparisi. Modelos de relación sexo-género: de la “ideología de género” al modelo de la complementariedad varón-mujer. *Dikaion*, Espanha, v. 21, n. 2, jul./dez. 2012.

PALUDETO, Simone Priscila. *Gênero e suas manifestações na primeira infância: um estudo com crianças de 21 a 30 meses de idade*. 2010. 74p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

POSSAPP, Laura Torres. *LOJAS VIRTUAIS DE BRINQUEDOS: gênero e mercadorização do brincar*. 2014. 43p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre

REIS, Kellen C. F.; MAIA, Ana C. B. Estereótipos Sexuais e a educação sexista no discurso de mães. In: *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções*, VALLE, TGM., org. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009

SANT'ANNA, Luíza M. *Além do Azul e Rosa – Papéis Culturais de Gênero em Brinquedos e Revistas Dirigidos à Criança*. 2014. 62p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

SILVA, Elaine Soares. *A relação entre a mídia e a escolha do brinquedo pela criança*. 2008. 46p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Pedagogia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

VILLELA, João Baptista. Desbiologização da Paternidade. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte, n. 21, p. 400-418, 1979.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você foi convidado para participar da pesquisa “DE MENINA, DE MENINO OU DE CRIANÇA? ESTUDO SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E BRINQUEDOS NA PEQUENA INFÂNCIA”, trabalho de Conclusão de Curso do curso de Psicologia da PUC-SP, realizada pela aluna Mariana Gregório Gonzalez e orientada pela Prof^a Dra. Maria Thereza de Alencar Lima. O objetivo deste questionário é descrever e analisar os motivos pelos quais os pais escolhem determinados brinquedos para seus filhos e filhas de até 6 anos. Estima-se que você leve cerca de 5 minutos para responder à pesquisa. Após responder às questões, você deverá clicar em “enviar formulário” para finalizar sua participação.

Responder a esta pesquisa não envolverá quaisquer riscos significativos a você, além da expressão da sua opinião. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário apresentará caráter anônimo e deverá ser respondido individualmente. A divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos.

Não estamos prevendo que você venha a ter quaisquer despesas ou danos em decorrência de sua participação, apenas o investimento de parte de seu tempo na resposta do questionário.

Lembramos que, por se tratar de uma pesquisa “on line”, ela não está isenta de falhas técnicas decorrentes dessa modalidade de coleta de dados (problemas de sistema; indisponibilidade provisória das páginas; perda das informações e necessidade de reinserção dos dados).

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através dos contatos marii.gregorio@hotmail.com e (11) 99434-2393.

Ao assinalar a opção “aceito participar”, a seguir, você atesta sua anuência com esta pesquisa, declarando que compreendeu seus objetivos e a forma como ela será realizada, conforme descrição aqui efetuada.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO ONLINE

1. Parentesco com a criança

mãe pai

2. Configuração familiar

mãe – pai – filho (a) ou filhos (as)

mãe – filho (a) ou filhos (as)

pai – filho (a) ou filhos (as)

mãe – mãe – filho (a) ou filhos (as)

pai – pai – filho (a) ou filhos (as)

outra

3. Quantos filhos do sexo masculino?

0

1

2

3

4

5

4. Quantas filhas do sexo feminino?

0

1

2

3

4

5

5. Qual a idade do filho (a) ou dos filhos (as)?

0 a 3 anos

4 a 6 anos

7 a 9 anos

10 a 12 anos

13 a 18 anos

maior de 18 anos

6. Quantas pessoas residem na casa?

2 pessoas

3 pessoas

4 pessoas

5 pessoas

Mais de 5 pessoas

7. Escolaridade

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

Pós Graduação

8. Qual sua religião?

Católica

Evangélica

- Espírita
 - Testemunha de Jeová
 - Umbanda
 - Budismo
 - Candomblé
 - Judaísmo
 - Outra
- Se tiver dois ou mais filhos (as) do mesmo sexo, escolha apenas UM FILHO (A) para responder às questões abaixo.

9. Você responderá as questões abaixo sobre

- o filho, sexo masculino
- a filha, sexo feminino

10. Qual o brinquedo preferido do seu filho (a)?

- brinquedos de empurrar, puxar, rolar
- pelúcias
- cubos, formas para empilhar
- caixas de encaixe de formas e cores
- bicicletas/motocas
- jogos esportivos
- bolas
- brinquedos para brincar em piscina/mar
- quebra-cabeças e jogos de memória
- jogos de perguntas e respostas

- aparelhos eletrônicos
- pistas para autos/trens elétricos
- bonecos (personagens)
- bonecas
- aparelhos eletrodomésticos reduzidos, com função imitando o real
- brinquedos de profissões
- matérias de colagem
- jogos de desenho, quadro-negro
- brinquedos musicais
- outros _____

11. Qual a brincadeira preferida do seu filho (a)?

12. Quem escolhe o brinquedo no momento da compra?

13. Quais são os critérios de decisão sobre comprar ou não um brinquedo?

14. Você deixa seu filho (a) brincar com brinquedos considerados do sexo oposto? Por quê?

ANEXO C – RESPOSTAS DA PERGUNTA “VOCÊ DEIXARIA SEU FILHO (A) BRINCAR COM BRINQUEDOS CONSIDERADOS DO SEXO OPOSTO? POR QUÊ?”

- Com certeza. É uma criança, não há esse julgamento de brinquedos por gênero.
- Sim, porque ele tem irmã, brincam juntos e porque acredito ser importante meninos brincarem de bonecas para estimular o cuidado e a paternidade.
- Sim, porque ela tem irmão da mesma idade, brincam juntos e porque ela é livre pra escolher o que gosta.
- Sim, acredito que isso não interfere na opção sexual que ele escolher.
- Sim, acho que não vai definir o que ele vai ser no futuro, não quero criar um filho machista.
- Sim, mas não muito, não vejo nenhum problema.
- Sim. Acho absolutamente normal a minha filha brincar de carrinho, futebol, etc. Não quero que ela cresça achando que não pode fazer certas coisas porque é de homem. Por exemplo: se ela quiser jogar futebol ao invés de fazer balé, por mim tudo bem.
- Sim, por que não cabe a mim decidir com o que ele quer ou gosta de brincar. Entretanto, as escolhas na hora de presentear entram em conflito com a opinião do pai.
- Claro que sim, aliás, existe brinquedo de sexo oposto? Para mim não.
- Sim, não é com o que brinca e sim como se brinca.
- Sim. Acredito que não é por um brinquedo que ele vai ser ou deixar de ser o que ele é.
- Sim, pois não vejo nada demais até porque um brinquedo não vai influenciar ou definir a sexualidade dela.
- Sim. Ele chegou a ganhar jogo de panelinhas e fogão. Esse brinquedo estaria em moda com o apelo aos CHEFs, mas há alguns anos atrás era brinquedo de menina.
- Sim! Não vejo problema nisso, inclusive ele tem uma boneca.

- Sim porque considero que o mais importante é que ela se envolva e se divirta com a brincadeira.
- Ele nunca se interessou, mas se quiser brincar não vejo mal algum.
- Sim, deixo porque não vejo problema nisso. A maldade está nos outros e não nele.
- Sim, porque ele precisa interagir com as crianças do sexo oposto.
- Deixaria, mas seu interesse é sempre por carros.
- Sim, porque é normal, a criança tem que brincar do que ela quiser.
- Não ofereci brinquedos considerados de meninas, na faixa etária dele (2 meses) ainda não há muita distinção.
- Sim. Apesar de não haver interesse dele, caso esteja brincando com amigos do sexo oposto, não vejo qualquer problema.
- Deixo, porque ela gosta e porque não fazemos essa distinção.
- Sim, porque não vejo nenhum problema.
- Sim, não vejo problema se ele quiser brincar com bonecas por exemplo, um dia ele será pai. Espero.
- Sim, acho que a criança tem direito de brincar com o que mais despertar interesse, pois pode estimular mais.
- Sim, porque não vejo nada demais.
- Sim. Acho que não vejo problemas de brincar com boneca. Isso é o que a sociedade impõe como sendo de menina.
- Não, só compro brinquedos de menina.
- Sim. Brinquedos são para todas as crianças, sem gênero.
- Sim, não vejo problema em deixar.
- Claro. Não acho que o brincar passa pelo gênero. Meu filho tem e brinca de cozinha e seus aparelhos, adora cozinhar (de verdade).
- Sim, acho normal, para mim brincar é brincar, não importando o sexo.
- Sim. Porque brinquedo não define gênero.
- Sim. Porque não tem que existir isso de só de menino ou de menina.
- Sim. Porque para mim e para minhas filhas não tem essa de brinquedo de menina e brinquedo de menino.
- Não. Porque não é o gênero dela.
- Não divido brinquedos por sexo.

- Sim, porque não existem brinquedos de menina ou menino, existe brinquedo apenas.
- Sim, porque criança não define sexo oposto.
- Sim, normal
- Depende da brincadeira em questão. Ela é uma criança, deve ser criada com o que é natural para uma menina, contudo, se algum dia ela apresentar desconforto ou comportamento não condizente com o seu sexo, vamos investigar, entender e respeitar porque o importante é que seja feliz, mas jamais vou estimular que queira conhecer opções diferentes.
- Sim. Porque isso não existe.
- Sim. Não vejo problema menina brincar de super-herói e menino de boneca. Isso não influencia em nada, pelo contrário, mostra que todos somos iguais.
- Sim, porque brinquedo é brinquedo.
- Sim. Assim como eu brinco de boneca com ela, pois ensino que nenhum brinquedo é só de menino ou só de menina.
- Sim, porque faz parte do aprendizado e desenvolvimento da criança.
- Sim, porque dependendo da brincadeira usa a criatividade e imaginação, importante para seu desenvolvimento e relação com os outros amigos e amigas.
- Não! Considero inadequado
- Ele sempre brinca com brinquedos rosas, sou desencanada. Meu marido que não concorda, tem opinião de que carro é para homem e boneca para mulher.
- Sim, porque para mim não tem nada a ver.
- Sim, é um momento de experimentação e descoberta que estimulam o desenvolvimento infantil. As preocupações geralmente refletem a insegurança dos adultos, não das crianças.
- Claro. Porque isso não existe. Meu filho tem casinha, boneca. Ele brinca espelhado no pai.
- Sim, porque ele não sabe distinguir as diferenças do sexo oposto, como criança ele só vê como sendo um brinquedo.
- Sim; porque ele gosta e não vejo nenhum problema com isso.
- Sim, inclusive ela gosta mais de brincar com bonecos, tem um monte. Ela não se interessa muito por princesas e sim super-heróis, porque não diferencio

brinquedos de menino ou de menina. As crianças não veem a malícia que os adultos veem quando elas brincam com coisas do sexo oposto.

- Sim. Acho que isso não influencia em nada.
- Sim. Eu explico, mas não o proíbo e também deixo matar a curiosidade dos brinquedos femininos.
- Sim, normal.
- Sim, se ela gostar sim. Porque acho que brinquedo não tem sexo.
- Não, pois acredito que ele tem grandes opções de brinquedos relacionados ao sexo dele.
- Geralmente sim, porque ele tem opções e prefere as brincadeiras de meninos. Como observação, não acho esse questionário suficiente para chegar a uma conclusão sobre gênero de brincadeiras.
- Sim, não faço diferença entre esses brinquedos.
- Já teve oportunidades, mas ele não brincou muito. Não proibiria, mas só compro brinquedos ligados ao sexo dele.
- Nunca passei por isso. Porém, alertaria o mesmo sobre o brinquedo ser indicado para meninas.
- Nunca me aconteceu essa situação ainda.
- Sim, porque brinquedo não tem gênero, e também não há oposição entre as pessoas. O que as define não é o sexo. Gênero é uma construção da cultura. Se me permite, sugiro fazer mudanças na forma de perguntar, sexo não é igual a gênero.
- Sim, se ela quiser, não vejo problema.
- Se ele está com meninas, tudo bem, porque faz parte da interação na brincadeira a troca, mas sozinho não tem como, porque ele é filho único.
- Sim, porque ele tem irmã menina e não acredito que isso vá incentiva-lo a gostar de "brinquedo de meninas", eles simplesmente gostam de tudo que é brinquedo.
- Sim, porque acho que não tem problema.
- Sim! Brincar é a principal atividade da infância e por meio dela as crianças aprendem e apropriam-se do mundo em que vivem.
- Ainda não cheguei exatamente nesta fase, mas deixaria sem problemas. Até porque não consigo ver uma divisão de brinquedos, crianças são crianças.

- Sim, porque ele pode brincar com o que achar divertido. Não é o tipo de brinquedo que ele gosta que irá definir sua sexualidade.
- Sim, acho que é natural da idade dele.
- Sim. Porque brinquedo é para qualquer criança, independe do sexo.
- Sim, porque ela é uma criança e criança tem mais é que brincar.
- Sim, porque as crianças não veem maldade, quem coloca coisas desnecessárias na cabeça é a sociedade, e é lógico que com tempo ele vai ter discernimento das coisas e vai na suas preferências.
- Sim. Porque acho que criança tem que brincar de tudo, e criança aprende brincando.
- Depende do brinquedo. Porque fui educada dessa forma e continuei com meu filho!
- Sim! Não vejo gênero nos brinquedos.
- Sim. Porque no meu ponto de vista não é o brinquedo que vai interferir no desenvolvimento e sexo da minha filha, e sim o que tiver determinado por Deus será.
- Sim, pois ele é criança e não sabe o significado.
- Sim, não vejo qualquer problema.
- Sim, na idade dela é fase de conhecimento.
- Sim. Não vejo problemas desde que ele goste.
- Sim, claro! Não vejo problemas e acho que isso não define opções sexuais no futuro. Meu sobrinho que hoje está com 13 anos amava me maquiar e nem por isso ele hoje gosta de meninos. Minha enteada também de 13 anos amava colecionar carrinhos! Enfim, é isso.
- Sim, porque isso não define nada.
- Claro. Brinquedo é brinquedo. E é importante ela aprender isso desde cedo, brincando com tudo.
- Claro, porque brinquedo é brinquedo e brinquedo não tem sexo.
- Sim, busco mostrar que não existe funções/tarefas femininas e masculinas.